

O agronegócio é o seguinte

## Meio ambiente invade a agenda do campo

NÃO É surpresa os temas relacionados ao meio ambiente ocuparem uma parte significativa na agenda de trabalho das cadeias produtivas do agronegócio. Esse processo avançou por razões de diferentes naturezas. Como as questões ligadas às mudanças climáticas e ao aquecimento global ganham espaço crescente na sociedade, as pressões sobre o desmatamento na Amazonas vieram de forma direta.

É neste contexto que se aproxima a 15ª Conferência das Partes (COP-15), com a participação de 193 países-membros da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, em Copenhague, na Dinamarca, entre 7 a 18 de dezembro. De acordo com o relatório divulgado pelos cientistas do IPCC – Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas –, o estilo de vida, a temperatura da Terra pode subir até 6 graus centígrados até o final do século, em relação aos níveis pré-industriais, com catástrofes inimagináveis e o fim dos seres humanos.

Portanto, o mundo tem 40 anos, até 2050, para reduzir suas emissões de gases de efeito estufa em 80% e apenas uma década para atingir metas que correspondam a 20%. A dificuldade é como atingir essas metas. Existem dissensos sobre os temas principais na pauta da conferência: 1) emissão de gases: estabelecer novas metas e prazos; 2) mecanismos de financiamento das ações de combate ao aquecimento global; 3) mecanismos de Redução de Emissões para o Desmatamento e Degradação (Redd) das florestas.

Foram realizados três encontros preparatórios para Copenhague: o primeiro, em agosto, em Bonn (Alemanha); o segundo, em outubro, em Bancoc (Tailândia); e o terceiro realizado em novembro, em Barcelona (Espanha). Sem concordância e embates entre os países, parece pouco provável aguardar um resultado revolucionário. Destaque-se ainda que, como se trata de uma conferência das Nações Unidas, as decisões para ser aceitas e válidas precisam ser tomadas por consenso, por unanimidade. A Apec (sigla em inglês para Cooperação Econômica Ásia e Pacífico) é a favor de uma declaração “politicamente vinculante”, algo específico e não obrigatório, deixando as questões mais difíceis.

A posição do Brasil não é simples. Quando se usa o critério do Protocolo de Quioto, o país é o 17º emissor em equivalente gás carbônico no mundo, mas quando

as queimadas entram na conta, sobe para quinto do *ranking*. Não é uma situação cômoda. O negociador-chefe da delegação nacional, embaixador Luiz Alberto Figueiredo, anunciou que as metas brasileiras para redução de gases de efeito estufa vão de 36,1% a 38,9% até 2020. Completa ainda a proposta o menor desmatamento na Amazônia e no Cerrado.

Nesse desenrolar de fatos e versões, em que a nação brasileira precisa formular uma estratégia integrada, sem fragmentação, é oportuna a reflexão sobre a separação inapropriada entre ruralista e ambientalista, campo e cidade, agricultura familiar e agronegócio. Na verdade, é criar dicotomias sem fundamentos, com perda de força sinergia para o País se posicionar competitivamente no mercado global. Veja o caso do Código Florestal, onde muito tempo foi perdido e o processo ainda se arrastará, mesmo com as medidas que vem sendo adotadas pelo governo.

A recente turbulência nos mercados de matérias-primas agrícolas merece destaque. Muitos países produtores adotaram políticas restritivas, como a exportação de arroz pela Índia, pelo Vietnã e pelo Egito, ao bloqueio da Ucrânia aos embarques de trigo ou à imposição pela Argentina de um imposto extraordinário sobre as exportações de cereais. Isso fez os países importadores repensarem a sua estratégia de abastecimento, com compras de terras em outros países. Com seu formidável estoque fundiário, é claro, o Brasil é visado pelos investidores estrangeiros. Com isso, a Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados (CCJ) propôs oportunamente um projeto de lei para tratar essa questão.

**Agroanalysis** apresenta também o caderno especial sobre a cadeia produtiva da pecuária de corte. No mundo, o Brasil tem o maior rebanho comercial, além de ser, quantitativamente, o maior exportador, com potencial enorme para ser explorado. A área frigorífica passa por um processo irreversível de reestruturação, que afetará as suas relações com os fornecedores, principalmente a pecuária, e distribuidores atacadistas e varejistas. A montagem de corporações em escala e atuação global facilitam a incorporação de conceitos associados à sustentabilidade, como parte da aspiração do consumidor daqui e de fora. O fenômeno não é inédito e segue os passos da bem-sucedida moratória da soja, iniciada em 2006. ■